



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

NOHEAD PHONE DO MEU IRMÃO
NECROPOLÍTICA E TRABALHO NO VIDEO PERFORMANCE
ONTHEHEADPHONESFROMMYBROTHER

Evelyn da Silva Santos¹

Isaque Santos Pinheiro²

RESUMO

Em 2021, ao participar de um curso de imagem e som pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), vivenciei essa intersecção de maneira intensa, enquanto explorava as possibilidades criativas dentro de um ambiente estudantil. O impacto da tragédia do menino Miguel Otávio Santana da Silva, que expôs as fragilidades da segurança infantil e as condições de trabalho das empregadas domésticas, serviu como um catalisador para a minha prática artística e a reflexão crítica sobre a memória. Ao me deparar com as ideias de Achille Mbembe sobre "outrificação" e necropolítica, e ao incorporar o pensamento afrofuturista em meu trabalho, busquei não apenas representar essas realidades, mas também imaginar futuros possíveis em um contexto marcado por desigualdades.

PALAVRAS-CHAVE: relações étnico-raciais; quarto de empregada; necropolítica; audiovisual.

RESUMEN

En 2021, al participar de un curso de imagen y sonido en la Fundación Oswaldo Cruz (Fiocruz), viví intensamente esta intersección, mientras exploraba posibilidades creativas en un ambiente estudiantil. El impacto de la tragedia del niño Miguel Otávio Santana da Silva, que expuso las debilidades de la seguridad infantil y las condiciones laborales de las trabajadoras domésticas, sirvió como catalizador para mi práctica artística y reflexión crítica sobre la memoria. Al encontrarme con las ideas de Achille Mbembe sobre la "oterificación" y la necropolítica, e incorporar el pensamiento afrofuturista en mi trabajo, busqué no sólo representar estas realidades, sino también imaginar futuros posibles en un contexto marcado por desigualdades.

PALABRAS CLAVE: relaciones étnico-raciales; cuarto de servicio; necropolítica; audiovisual.

ABSTRACT

In 2021, when participating in an image and sound course at Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), I experienced this intersection intensely, while exploring creative possibilities within a student environment. The impact of the tragedy of the boy Miguel Otávio Santana da Silva, which exposed the weaknesses of child safety and the working conditions of domestic workers, served as a catalyst for my artistic practice and critical reflection on memory. When encountering Achille Mbembe's ideas about "otherification" and necropolitics, and incorporating Afrofuturist thinking into my work, I sought not only to represent these realities, but also to imagine possible futures in a context marked by inequalities.

KEYWORDS: ethnic-racial relationships; service room; necropolitics; audio-visual.

¹ Graduanda; Artes Interdisciplinar (UFBA) e-mail: evelynpinheiro891@gmail.com

² Mestrando; Historia da Arquitetura e Urbanismo (USP) e-mail: isaquepinheiro@usp.br

INTRODUÇÃO



Figura 1: Take do Filme No Headphone do Meu Irmão. Fonte: autor (2022).

A intersecção entre arte, memória e questões sociais é um campo fértil para a reflexão crítica, especialmente quando exploramos as experiências vividas em contextos marcados pelo racismo estrutural. A produção audiovisual representa um espaço de grande relevância para estudantes negros de escolas públicas, oferecendo oportunidades únicas de expressão e empoderamento. Por meio da criação de conteúdos, esses jovens podem contar suas histórias de forma autêntica, desafiando estereótipos e promovendo uma representação mais verdadeira na mídia. Assim, o enfoque aqui é a análise do filme curta “No Headphone do Meu Irmão,” produção dirigida por mim Evelyn da Silva Santos com a participação de minha mãe Cleusa Santos Pinheiro e meu irmão Isaque Santos Pinheiro.

Em 2021 realizei um curso de audiovisual intitulado Sons e Imagens da Bahia pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), ainda estudante de ensino médio no Colégio Estadual Central da Bahia me vi imersa em um novo universo de possibilidade criativa durante o



projeto realizado na escola. Ainda que contando com poucos recursos tecnológicos para a realização do filme, o qual foi executado utilizando o celular e elementos que tinha em casa para compor a cenografia. O set de filmagem acontece no quarto real do meu irmão, no qual ele ainda dormia enquanto era estudante de arquitetura e urbanismo na Universidade Federal da Bahia e que em algum aspecto comenta a agência dele enquanto personagem e pessoa.

O filme inicia mostrando a ambientação da rua e do quarto, a seguir aparece o personagem principal pesquisando o caso do menino Miguel Otávio Santana da Silva, que atravessa a vida profissional do meu irmão de forma avassaladora. Em 2 de junho de 2020, na cidade de Recife, Pernambuco. Miguel, que tinha 5 anos na época, estava sob os cuidados da patroa Sari Corte Real, enquanto sua mãe, Mirtes Renata, que trabalhava como empregada doméstica, estava passeando com o cachorro da família mesmo em pandemia. Durante a ausência de Mirtes, o menino caiu do nono andar do prédio ao ser colocado sozinho no elevador pela patroa de sua mãe.

Ao ler a notícia o personagem fica inquieto e aflito, então ao sentar na cama e por os fones de ouvido o telespectador começa a presenciar uma transmutação, elementos como turbante, flores, corrente de ouro vão tomando conta do corpo do personagem que se movimenta ainda sentado na cama e de olhos fechados, enquanto escuta afrobeats, na tentativa de simbolizar um florescimento em busca da cura ancestral, frente a uma ferida colonial que não se fecha.

A autora Nilma Lino Gomes aborda a necessidade de estratégias de resistência democrática que promovam o direito à diversidade, especialmente em tempos de retrocessos políticos, econômicos e sociais. Ele enfatiza que é fundamental avançar na reflexão sobre diversidade e destacar a importância da luta dos negros brasileiros por emancipação. O foco no corpo e na corporeidade negra é central, pois esses elementos são vistos como processos de emancipação social e racial. Além disso, ele critica a ideia de que a diversidade distancia a luta de classes, sugerindo que, na verdade, ela revela



as múltiplas formas de exploração e opressão que existem dentro do capitalismo. (Nilma Gomes, 2019)

O corpo negro dançante na video performance emerge como um espaço de resistência e afirmação, refletindo as complexas realidades vividas por comunidades marginalizadas. Através dessa forma de arte, artistas negros têm a oportunidade de reimaginar suas narrativas, desafiando estereótipos e rompendo com as representações históricas que frequentemente os desumanizam. Dessa forma, ao pensar em futuros possíveis, o afrofuturismo não apenas se posiciona como uma forma de resistência, mas também como uma estratégia de imaginação coletiva, onde a construção de novas realidades se torna uma forma de luta contra a opressão.

Isso ajuda a mobilizar comunidades e a criar um senso de pertencimento e esperança em um futuro mais justo e equitativo, mesmo sabendo que “O racismo e o capitalismo são duas faces da mesma moeda” (Steve Biko, s.d.).

A experimentação performática em vídeo, envolve um pensamento afrofuturista de uma transmutação frente às violências de um sistema racista engendrado, que ainda que sofrido de forma individual tem dimensão coletiva. Uma das premissas desse pensamento é o movimento cultural e filosófico de unir a cultura africana e a diáspora com temas de ficção científica, tecnologia e imaginação futurista. Buscando reimaginar o futuro a partir de uma perspectiva negra, desafiando narrativas históricas coloniais e promovendo a resistência e as contribuições culturais. Através da ficção, o afrofuturismo explora novas identidades e mundos alternativos, valorizando tradições africanas e abordando questões contemporâneas de justiça social. Artistas e pensadores como Octavia Butler e Sun Ra foram fundamentais na promoção desse diálogo, que visa um futuro mais equitativo e inclusivo.

Quem tem direito à memória?



Achille Mbembe fala sobre a "outrificação", um processo em que grupos ou indivíduos que não se encaixam nos padrões da cultura eurocêntrica são marginalizados e, muitas vezes, desumanizados, colocado como o outro frente a uma concepção ocidental do que é ser humano. Essa marginalização pode levar à necropolítica, que é a forma como os Estados controlam a vida e a morte de certos grupos, considerando-os "indignos de viver," no Brasil podemos dizer que esses grupos são os negros, indígenas e população LGBTQIAP+ sobretudo. Existe uma estética da política que justifica e legitima a opressão, criando divisões sociais entre aqueles que detêm poder e riqueza e aqueles que são explorados. (Achille Mbembe, 2016)

Coincidentemente meu irmão estava sendo pressionado no estágio da época a projetar um banheiro de empregada, mesmo tendo exposto ao superiores as questões porque não gostaria de fazê-lo como a inequação dele ao projeto residencial, que já contava com 5 banheiros e por faltava espaço de terreno no qual se adequar outro banheiro, além das imbricações raciais e segregacionais de construir de forma inadequada o cômodo, ou até mesmo a necessidade sócio-cultural de uma elite que não se ver utilizando o banheiro social com empregados. Porém, não obteve êxito e acabou se desligando desse trabalho. Esse contexto o motivou a criar a arte digital "Menino Miguel na Nuvem" seu primeiro trabalho visual a ser exposto internacionalmente, através da Homeostasis Lab <https://homeostasislab.org/visualizar/obra/722> que em processo de curadoria a incluiu em sua coleção permanente.



Figura 2: Arte Digital - Menino Miguel na Nuvem. Fonte: autor (2021).

Aqui está implícito a disputa pelo direito à memória, historicamente negado à população negra brasileira desde o período colonial:

A razão histórica para termos sido tão empobrecidos em termos de imagens futuras é porque, até muito recentemente, como uma população nós fomos sistematicamente proibidos de qualquer imagem do nosso passado. (Delany, In: Dery, 1994: 190-191)

Essa luta envolve a reivindicação de espaço e reconhecimento das experiências históricas e contemporâneas das comunidades negras, muitas vezes negligenciadas ou distorcidas por narrativas dominantes. A busca por imagens do passado, que possibilitem elaborações presentes e projeções de futuro como trás Luiz Maurício Azevedo em *Estética e raça: ensaios sobre a literatura negra*:

“...os temas difíceis (aqueles cuja simples proposição já se revelaria um desconforto epistemológico considerável) [...]. Assim, se hoje temos uma universidade que se coloca voluntariamente de costas para certos objetos



desprestigiados, isso se deve, em ampla medida, ao predomínio de uma consciência de classe que identifica a universidade como guardião de um tipo específico de tradição artística.” (AZEVEDO, 2021, p. 32)

Além disso, a reflexão crítica sobre eventos trágicos, como o caso do menino Miguel, e conceitos como a "outrificação" de Achille Mbembe, evidenciam como a memória é usada para compreender e confrontar as estruturas de opressão. A luta pelo direito à memória também implica resgatar e valorizar tradições, culturas e conhecimentos que foram historicamente subalternizados. Logo, o audiovisual é uma ferramenta aliada ao registro da memória, seja ela factual ou ficcional.

Reflexão Final

A produção audiovisual no contexto escolar permite que os estudantes se vejam como agentes de mudança em suas comunidades, desenvolvendo habilidades técnicas valiosas para o mercado de trabalho, além de ser uma forma de canalizar emoções e vivências. Essa prática não apenas enriquece o conhecimento técnico mas também cultural, serve como ferramenta de mobilização social, unindo pessoas em torno de questões relevantes e criando espaços de diálogo e conscientização entre os jovens. Assim, a produção audiovisual se torna uma poderosa forma de afirmação e resistência em um contexto marcado por desigualdades.

Além disso, o audiovisual fornece uma plataforma para que vozes diversas dentro da comunidade negra sejam ouvidas, ressaltando que a luta contra o racismo é um esforço contínuo que envolve inovação e criatividade. Ao abordar questões de identidade, tecnologia e cultura, o afrofuturismo inspira a construção de alternativas que vão além das limitações impostas pelo racismo estrutural, promovendo um diálogo sobre o empoderamento, a resistência e a visão de um futuro mais inclusivo. Como trás Kenia Freitas “o Afrofuturismo na cultura atual é fundamental por reivindicar para os negros e negras a narrativa das suas histórias.”



A relevância do pensamento afrofuturista em um contexto de racismo estrutural é profunda e multifacetada. Esse movimento não apenas oferece uma crítica às narrativas históricas que marginalizam as experiências negras, mas também propõe novas possibilidades para o futuro. Ao imaginar mundos alternativos onde pessoas negras são protagonistas, o afrofuturismo desafia a ideia de que o racismo é uma condição imutável e abre espaço para a esperança e a transformação social.

É importante destacar que a tragédia do Menino Miguel gerou uma grande mobilização na sociedade, levantando discussões sobre a segurança das crianças sob a responsabilidade de terceiros e as condições de trabalho das empregadas domésticas. Ainda em 2024 o caso se encontra inconclusivo e em processo de tramitação pelo Supremo Tribunal de Justiça, como revela o portal G1. Essa análise crítica do meu próprio trabalho, se apresenta de forma a olhar para questionar “Quem tem direito ao futuro?” e quais estruturas de poder segue dizendo quem é digno de vida ou de morte. Logo, se torna fundamental a um corpo sensível a elaboração contínua do atravessamento físico e psicológico que o racismo em suas mais variadas formas nos causa e de tal modo fabular com o que o cotidiano nos impõe em busca de futuros possíveis sobretudo para as gerações mais novas.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Luiz Mauricio. **Estética e raça: ensaio sobre a literatura preta**. Porto Alegre: Sulina, 2021, p. 30-60.

Dery, Mark (1994). “Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia

FERRAZ, Artur. **Quatro anos pós a morte de Miguel, como estão os processos contra mulher condenada por deixar menino cair de 9º andar sozinho em elevador**. 2024. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2024/06/02/quatro-anos-apos-morte-de-miguel-co-mo-estao-processos-contra-mulher-condenada-por-deixar-menino-que-caiu-de-9o-andar-sozinho-em-elevador.ghtml>> Acesso em: 20.10.2024

FREITAS, Kenia. **Afrofuturismo no Brasil**. 2015. Disponível em: <<https://trabalhosuj.com.br/kenia-freitas/>> Acesso em: 20.10.2024



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

GOMES, Nilma Lino. **A Compreensão da Tensão: Regulação/Emancipação do corpo e da corporeidade negra - Reinvenção da resistência democrática.** 2019

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão negra.** Tradução Marta Lança. Lisboa: Antígona Editores Refractários, 2ª edição, 2017

MBEMBE, A. **Necropolítica.** **ARTE & ENSAIOS**, n. 32, dezembro 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>> Acesso em: 20.10.2024